2.ª SERIE. TOMO II.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SÁ.

N.º 30. QUINTA FEIRA, 2 DE MAIO DE 1850. 9.º ANNO.

SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

FABRICAS.

468 Do extracto da Sessão de 27 de abril, da Camara dos Srs. Deputados, publicada no *Diario do Governo* n.º 99, consta que um Sr. Deputado dissera:

Que isto de fabricas em Portugal era uma historia,

Que mesmo aquillo que se dizia ser feito nas nossas fabricas, não eram senão coisas de contrabando,

Que o que sahia das fabricas portuguezas que tinha geito era contrabando,

Que o que não tinha geito é que era feito nas nossas fabricas,

Que esta era a verdade.

De tal conclusão segue-se:

Que os Relatorios dos Sr. Ministros, em que se falla no estado e nos progressos da nossa Industria, é o que é mentira.

Que o que escreveu um dos nossos primeiros escriptores, ácerca dos *Interesses Industriaes* é o que é mentira.

Que as exposições da nossa Industria tem sido mentiras solemnes.

Que tudo quanto, ácerca da Industria portugueza, temos escripto ha tres annos, são mentiras.

Ora bem, o publico sabe que o dia não é noite — que as fabricas não são o contrabando: e tambem sabe, em relação ao que fica escripto,

o que é a verdade, e o que é a mentira.

É da nossa rigorosa obrigação fazer conhecer esse juiso do publico; mas cumpriremos este dever fóra das columnas do nosso jornal, porque não cabe nos seus limites o que sobre o ponto temos que dizer.

Sempre estamos promptos para apanhar a luva lançada aos interesses economicos do paiz: não recuaremos hoje quando do alto da tribuna um homem a ousou lançar á classe honrada dos fabricantes e dos operarios.

A probidade das fabricas portuguezas está acima da calumnia, e provaremos que esta

é a verdade, na seguinte publicação, que estará á venda, terça feira 7 do corrente, nas lojas do costume, com o titulo (*)

As fabricas nacionaes são

(*) O Deputado que proferiu as palavras citadas foi o Sr. Affonseca.

uma historia: pamphleto economico, pelo *Redactor da Revista Universal.*

SEDA.

Ha tres annos que redigimos este jornal, e ainda nem uma só vez se nos proporcionou o fallarmos do fabrico da seda — que não a aproveitassemos com a maior satisfação. Hoje publicando a carta, com que o Sr. Antonio Pedro de Salles nos honrou, novamente chamamos a attenção do Governo e das Camaras Municipaes sobre este importante assumpto, por certo, um dos de maior monta que se podem tractar.

A seda — como materia primeira — poderia ser para Portugal — um novo Brasil — uma mina de oiro, que longe de se estancar, seria cada vez mais caudal, á proporção que as necessidades sociaes no seu progressivo desenvolvimento, nos fossem alargando os mercados estrangeiros, já existentes, ao passo que tambem creassem outros novos.

A Lombardia achou na seda a reforma financeira, que algumas nações pequenas tem procurado atravez das mais lamentaveis decepções. Bastava-nos este exemplo vivo e incontroverso para nos guiar por um caminho, aonde só podemos encontrar prosperidade e trabalho.

Apesar de que a nossa voz a este respeito, tem soado no deserto, assim como ácerca de muitos outros pontos de interesse publico — nem por isso desanimaremos: e rogamos ao Sr. Salles, que não desampare o seu plano; e muito folgamos da prova publica, que appresenta, e que deverá convencer incredulos, se ainda existem. Ao Sr. Abraham Weelhouse, e ao desvello e intelligencia de sua mui digna filha, se deve tambem em grande parte o resultado da bella experiencia de que falla a carta. Louvar tão civilisadores esforços é o dever da imprensa, que se interessa pela prosperidade da nossa terra. Por esse motivo aqui registamos com prazer os nomes dos que assim dão provas de conhecerem as nossas verdadeiras necessidades economicas: agradecendo tambem por este modo ao Sr. Salles a justiça que faz ás nossas intenções.

(Carta.)

469 Não tendo o Governo ainda decidido coisa alguma, sobre a minha reclamação ao cumprimento dos meios por elle propostos, para se levar a effeito, no local de Barcarena, a organisação da fabrica, que preparando a seda em cru, proporcione ao importante ramo da seda o seu conveniente desenvolvimento, nem tenha a Sociedade Promotora da Industria publicado o seu relatorio sobre a exposição do anno passado; conservo-me na mesma expectativa que annunciei a V. na minha ultima carta, esperando vêr o que apparece, para depois dizer o que se me offerecer.

Entendo porém que não é com palavras que a industria se adianta; vou constantemente trabalhando na verificação de meu plano, em promover, por todos os meios ao meu alcance, o desenvolvimento do ramo da seda (embora pese sobre o Governo e demais auctoridades a responsabilidade pela falta da conveniente protecção) pela intima convicção em que estou das grandes vantagens que póde produzir ao paiz, o que de anno a anno cada vez mais se corrobora pela natural e successiva decadencia nos preços dos cereaes e mais productos agricolas, e que forçosamente ha de trazer aos donos de terrenos (incluindo as Camaras Municipaes) o desengano da utilidade de possuirem amoreiras em quantidade.

Para provar se ellas pódem ou não ser uteis, convido aos que só acreditam vendo, para que desde o Domingo 5 do proximo Maio, visitem o novo estabelecimento que para a creação dos bichos de seda, e debaixo de minha direcção está estabelecido no Barreiro, na quinta do Illm.° Sr. Abraham Wheelhouse, onde poderão observar o que se obtem em desenvolvimento de Amoreiras, apesar de ter sido o local um areal inculto, mas que o animo e constante plano de seu dono redusiu ao estado em que se acha, serviço por certo de mais apreço do que o de cultivar terrenos productivos.

Se pois a curiosidade levar ao Barreiro não só os que pretendam entrar no conhecimento das vantagens de taes plantações, e creações, mas tambem os entendedores, a estes com especialidade se roga o favor de deixarem por escripto as observações que possam julgar uteis em relação aos tres diversos objectos, como sejam, plantações de amoreiras, organisação da casa de creação, e tractamento dos bichos da seda, para se adoptar o que parecer conveniente, e assim progredirmos nos melhoramentos.

Além desta nova casa de creação de bichos da seda ha a minha antiga em Barcarena (onde em opposição aos terrenos do Barreiro só encontro compactos rochedos que tambem tornam muito dispendiosas as plantações das amoreiras, apezar de que gradualmente as tenho augmentado). O Exm.° Sr. Conde do Farrobo continua com suas creações, a Administração da Casa Pia depois da perda de tantos annos parece ter-se finalmente dedicado á creação, e na quinta do Exm.° Sr. Duque de Palmella, em Calhariz, tambem o Sr. Gagliardi em aproveitamento á avultadissima plantação que alli tem feito de amoreiras, aproveita a folha em creação.

São estas por ora as unicas creações de que tenho conhecimento se fação por estes contornos, que se possam denominar uteis, pois que dezenvolvem onças de semente, porque tudo quanto são pequenas curiosidades de creanças que crião bichos de seda, nem apparece cazulo para se lhes comprar, e são no meu entender estragadores de folhas.

Não desista V. de auxiliar, como sempre tem feito, o desenvolvimento da Seda, pelas poderosas razões, e comprovações publicadas pela REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE, porque desde o momento em que o Governo se decida a prestar-lhe a attenção e consideração que por sua importancia merece, os resultados hão de ser bem oppostos ao lento progresso que por ora existe.

Lisboa 25 de Abril de 1850. De V. etc.

ANTONIO PEDRO DE SALLES.

REVISÃO DOS DIREITOS SOBRE O SULPHATO DE CHUMBO, E RESOLUÇÃO DA REPRESENTAÇÃO ÁCERCA DA PAUTA.

Um dos pontos mais difficeis do systema protector é o estabelecimento de direitos da pauta, com referencia a materias primeiras que se possam fabricar no paiz. Mais de uma vez temos dito, que sem exposições, e sem inqueritos, é custoso resolver as questões que se referem a taes pontos.

A Sociedade Rodrigues Barros & C.ª, com fabrica de estamparia e tinturaria em Alcantara, na representação que ao diante publicamos, pede uma justa reducção no direito de entrada do sulphato de chumbo, e assenta o seu pedido em boas e justas rasões, que estão de accordo com os nossos principios, mórmente na parte, em que pede que as suas allegações sejam comprovadas com a opinião dos proprios fabricantes de productos chimicos. É assim que nós queremos que se tracte qualquer questão relativa a pautas. Neste assumpto não se admittem effeitos de estylo, nem vôos de imaginação, ou proposições infundadas: é mister estudar o ponto em que se falla — dizer o que se quer, e porque se quer. É commodo e facil o dizer-se — alterem-se as pautas; — mas é difficil o dizer-se — onde, como, e porque motivo.

As fabricas são um ponto de maxima importancia para a nossa organisação economica, e por isso lamentaremos sempre que declamações vagas e inconsideradas venham perturbar os interesses do capital e do trabalho.

Concordando com a representação a que nos referimos, é do nosso dever manifestar, o quanto desejamos que este, e todos os negocios relativos a fabricas tenham mui breve solução.

Tendo-nos sido encarregada a honrosa commissão de fallar com o Sr. Ministro da Fazenda, sobre varios negocios relativos a alteração nas pautas, e que estão pendentes ha algum tempo, foram por nós presenciadas as informações minuciosas, que S. Ex.ª tomou sobre o assumpto, bem como a continuação de providencias que já havia ordenado para que a simplificação do expediente auxiliasse a breve resolução de negocios, dos quaes a demora é sempre de grave prejuizo para a industria.

Eis aqui a Representação a que alludimos.

---

470 Senhora! — A Sociedade Rodrigues Barros & C.ª, com fabrica de estamparia e tinturaria em Alcantara, vem reccorrer a Vossa Magestade de um pesado direito, a que é obrigado a satisfazer na Alfandega Grande de Lisboa pelo sulphato de chumbo que despacha para uzo da sua fabrica.

É principio assente por todos os economistas que os direitos prohibitivos são necessarios quando protegem a industria do paiz, ou promovem novos ramos industriaes; mas no caso de offender os estabelecimentos já erectos, e mais ainda, de não convidar novas emprezas, o direito prohibitivo é um erro de funestas consequencias. Tal é a doutrina seguida, contra a qual ninguem se atreve a pôr controversia.

O sulphato de chumbo importado de Inglaterra está no caso indicado. 1.º Porque paga por entrada 30 rs. por arratel, na forma de uma consulta da commissão das pautas, cujo parecer foi adoptado pelo Governo; 2.º porque custa em Inglaterra de 8 a 9 shillings o quintal, vindo a sahir o arratel por 15 réis, do que resulta pagar por entrada um direito de 200 por cento proximamente; 3.º porque o sulphato de chumbo é feito em Inglaterra de residuos de outras drogas, que não ha em Portugal, por não haver os estabelecimentos que deixam esses residuos; e 4.º, finalmente, por que os laboratorios do paiz não querem fazer o sulphato de chumbo por não lhes convir, nem terem meios faceis ao seu alcance para o conseguir.

É pois claro que continuar a exigir o direito de 30 réis por arratel n'um objecto que serve de materia prima ao estabelecimento, offende as boas regras e conveniencias, sem proteger os laboratorios existentes, e sendo este negocio um daquelles que precisam ser reconsiderados, por ter a Commissão asseverado na sua consulta que o sulphato de chumbo se poderia fazer nos laboratorios chimicos do paiz, espera a supplicante que a mesma Commissão reconhecerá, ouvindo os donos daquelles laboratorios, que não ha possibilidade de obter no paiz aquella droga.

Fundada a supplicante no que fica expendido, vem de novo implorar a protecção de Vossa Magestade a favor do seu estabelecimento, do paiz, e dos operarios confiados ao seu cuidado, pelo que — P. a Vossa Magestade haja por bem mandar reconsiderar a deliberação tomada ácerca do direito de entrada do sulphato de chumbo, ordenando por fim que a supplicante pague um modico direito, em relação com o custo primitivo da droga. E R. M. — Lisboa 26 de Abril de 1850. — (Assignado) — *Rodrigues Barros & Comp.*

ACÇÃO DO CHLORE SOBRE O ASSUCAR.

471 É reconhecida a importancia de pesquizar a existencia do assucar em certos liquidos. Em differentes occasiões os physicos e os chimicos ensaiaram os meios proprios para descobrir esta substancia, e dahi resultou fazer actuar sobre os liquidos que contém assucar a luz polarisada, ou trata-los por meio de diversos reagentes. A maior parte destes processos de investigação é muito complicada; por isso M. Maumené que se applicou a facilita-la, preconisa um methodo simples e ao mesmo tempo engenhoso.

A acção do chlore sobre o assucar era imperfeitamente conhecida. Segundo M. Maumené ha numerosas inexactidões nas asserções emittidas pelos chimicos mais celebres; de fórma que, apesar de quanto

diz Liebig, o chlore actua, mesmo em secco, sobre o assucar. Bastam 100 graus para determinar a reacção, e então se fórma uma substancia de côr escura, em parte soluvel n'agua, um caramelo de um preto brilhante, quando está enxuto. A reacção produzida no assucar pelo chlore obtem-se egualmente com os chloruros e perchloruros. Esta acção exercita-se em todas as substancias saccharinas e mesmo nas de composição analoga, como o canhamo, o linho, o algodão, o papel, o amido, &.ª

Fundando-se precisamente na acção reciproca do assucar e das differentes substancias como acabamos de indicar, é que se poderá conseguir uma faxa solida, revestida de reagente proprio para revelar a existencia do assucar em qualquer liquido. — Supponde que tendes á vossa disposição uma lamina de materia consistente, inalteravel pelo chlorure d'estanho mesmo em alta temperatura; cobri essa materia com uma demão de chlorure mediante uma dissolução concentrada e o enxugamento; mettei a lamina assim preparada n'uma solução de assucar e submettei-a á influencia de uma temperatura de 130 a 150 graus; logo a porção mergulhada mudará de côr e se tornará de um pardo denegrido mais ou menos carregado.

Resta achar a lamina ou faxa consistente; é claro que não se deve empregar papel ou pannos de linho ou de algodão, que se decomporiam simultaneamente com o assucar; mas póde um tecido de lãa, um merinó branco por exemplo.

Depois de ter demolhado o merinó por tres ou quatro minutos n'uma solução aquosa de bichloruro de estanho, feita com 100 partes de bichloruro e 200 de agua commum, faz-se escorrer o liquido, secca-se o merinó assentado n'um pedaço do mesmo estofo e a banho-maria; eis preparado o tecido reactivo. Póde depois cortar-se em tiras pequenas como os papeis reagentes ordinarios.

Para verificar depois se qualquer liquido contém assucar, bastará deitar algumas gotas desse liquido sobre a tira preparada do modo acima dito, e expo-la ao calor do carvão em braza, ou da luz de um candieiro ou véla; observar-se-ha dentro de um minuto uma nodoa preta mui visivel. A sensibilidade do reagente é extrema.

LITTERATURA E BELLAS-ARTES.

UM ANNO NA CORTE.

CAPITULO XX

Theresa.

472 Diogo Cutilada, o velho criado do capitão Francisco d'Albuquerque, apenas soube da catastrophe succedida a seu amo, que elle estimava como filho, pelo ter creado de pequeno, e lhe ter dado as primeiras licções nas coisas da guerra, para que sempre mostrára grande inclinação, correu ao quarto do Corte-Real, para onde o haviam transportado, para vêr, com olhos anuveados pelo pranto de sincera dor, aquelle pallido e desanimado corpo, em que a morte luctava com os poderosos esforços de uma robusta e juvenil organisação.

O pobre soldado assistiu, em extremos de angustia, á douta consulta dos dois licenciados Antonio do Prado, e Antonio Ferreira, e por mais de uma vez a violencia com que puxava das barbas quasi brancas, mostrou ao vivo a raiva que lhe causavam os tratos, que via fazer a seu amo. O velho militar, que assistíra a muitos combates, e vira no campo, agonisantes, grande numero dos seus companheiros d'armas, não podia, sem se lhe arripiarem os cabellos, e lhe doer o coração, ouvir os gemidos entrecortados de Francisco d'Albuquerque. As lagrimas eram em fio por aquelle rosto crestado do sol.

Cutilada velou a noite inteira á cabeceira de seu amo, tratando-o com o carinho de pae extremoso; ora dando-lhe uma mistura de vinagre e agua, a que chamavam *posca aquosa*; ora um xarope feito de rozas seccas e murtinhos; ora, em fim, humedecendo-lhe a bocca com agua de *alquitira*, cada vez que, abrasado pela sêde de uma febre intensa, elle pedia de beber.

Na seguinte manhã, porém, quando viu o doente adormecido, Diogo Cutilada, deixando-o confiado á vigilancia de Luiz de Mendonça, que ficára naquella noite tambem no quarto de Francisco de Albuquerque, saíu do Corte-Real.

— Tenha cuidado de meu amo — disse elle antes de sair — tenha-me cuidado nelle, sr. Luiz de Mendonça. Olhe! Este pucaro é o da alquitira. Pobre sr. capitão! Quem seriam os malvados, que assim m'o pozeram neste estado? A *posca* dá-se-lhe de tres em tres horas...

— Vae descançado, homem — atalhou o Mendonça. — Bem sei o que disse Antonio do Prado.

— Perdôe-me v. m. Mas é que eu... Tenho certesa de que tem muita amisade ao sr. Albuquerque, mas eu que o conheci assim, pequenino como aquella bengala que alli está ao canto; que o vi crescêr e fazer-se homem, quero-lhe, quero-lhe tanto como se elle fosse meu filho. — Aqui o soldado enxugou uma lagrima com as costas da mão. — E vêl-o assim é para mim uma grande dôr. Meu amo nunca acreditou na volta do nosso rei encoberto, mas assim mesmo não conheci em minha vida coração mais leal do que o seu. Se elle se fôr embora, e eu ficar aqui

neste mundo, velho como sou, eu que de nada sirvo nem valho, então digo que é peior viver que morrer.

— Não te afflijas, Diogo. Vae, vae-te a descançar um pedaço, que eu aqui fico ao pé de teu amo, tomando conta nelle.

— Não vou dormir, não senhor, não tenho somno, nem agora podia pregar olho. O que vou é espairecer; tenho a cabeça pesada, e, não sei o que isto é, mas quando sinto gemer o meu capitão, não posso tomar uma respiração inteira, pezam-me arrobas sobre o peito.

— Demoras-te muito?

— Não, senhor. Dou uma chegada alli a caza do meu amigo José Chanca, e volto n'um instante. Quero contar-lhe o que se passou, e saber o que por ahi se diz deste triste successo. Adeus, Sr. Luiz de Mendonça. Recommendo-lhe meu amo; não m'o desampare, coitadinho.

Logo que saíu a porta do palacio do Infante D. Pedro, Diogo Cutilada foi direito á Rua Nova, e dahi entrou pela dos Escudeiros, onde morava o seu compadre José Chanca.

Na loja baixa, escura e humida, de uma caza, meio delida pelo tempo, que lhe abrira já mais de uma brecha profunda, José Chanca, velho çapateiro, calvo, de enorme nariz, e olhos redondos como os de um mocho, trabalhava, sentado de tripeça, na confecção de uma enorme bota, com a attenção e consciencioso cuidado do verdadeiro artista. O compadre de Diogo tinha um gibão de *roxeta*, panno grosso, que se fabricava então na serra da Estrella; calções de pelle de carneiro, já rotos e quasi sem pello, e meias de lã, em não melhor estado, lhe cobriam as pernas cambaias; os pés desmesurados apenas se escondiam com as tiras de coiro de umas velhas alparcas.

A entrada de Diogo chamou a attenção do çapateiro, que levantou immediatamente a cabeça, para vêr quem o procurava áquella hora da madrugada.

— Ó lá, Diogo! por aqui a esta hora? — exclamou elle vendo o seu amigo. — Temos alguma novidade?

— É verdade, compadre, temos novidade, e grande — respondeu Diogo, suspirando. — Pois não sabes...

— O que?

— Que meu amo, o meu capitão foi atacado hontem á noite por uns assassinos, que o deixaram por morto!

— Já hoje passou por ahi o Zé Borracha, o remendão de Alfama — disse o çapateiro dos mulatos de Sua Alteza, em tom de desprezo — e contou-me, que tinham morto um dos criados do Sr. Infante: mas o Zé Borracha é tão mentiroso, e depois, diz as coisas com tantos mysterios e cautellas — para se não comprometter, o maldicto remendão! — que eu não pude intender bem o que se tinha passado. Fallou-me no Conde de Castello Melhor...

— Meu amo saíu hontem á noite, sem me dizer para que. Eu creio que elle anda..... — não sei se me intendes — parece-me que está namorado de alguma dama da côrte. É um guapo cavalheiro, não me admira que lhe vá tudo bem nos amores. Olha, compadre, lá em Evora deixou elle uma namorada... que linda que é!

— Teu amo saíu, e depois?... — atalhou José Chanca.

— Estive á espera até á meia noite; e foi então que me trouxeram em braços o meu rico capitão, ferido... quasi morto.

— E sabe-se quem o feriu?

— Nada se sabe, porque elle ainda não póde fallar, não tem feito se não gemer, gemer que córta o coração. Os homens que o trouxeram eram paizanos da ronda, e por elles sabe-se apenas...

— O que se sabe? — perguntou com curiosidade o çapateiro.

— Que foi o valido, quem soccorreu meu pobre amo; e o livrou da morte... se é que elle não morre das feridas que os excomungados lhe fizeram.

— Isto vae mal! — Exclamou o rival do Zé Borracha, meneando a cabeça. — São todos os dias mortes ahi por essas ruas, roubos...

— Lá dizem os versos propheticos — disse Diogo com voz de inspirado:

Veo, como por visiones,
Cosas tanto de notar,
Que haran temer, y temblar
Los mas fuertes coraçones.

— Grandes males, — continuou — são o annuncio da chegada do salvador de Portugal. Não tarda o dia promettido nas prophecias, em que a armada de El-Rei D. Sebastião...

— Deus o traga, para pôr isto a direito! — exclamou José Chanca. — Mas eu já começo a perder a esperança de que elle volte...

— Que dizes, José; pois tu duvidas agora, quando os signaes vão sahindo tão certos.

Vejo, vejo, do Rei vejo
(Vejo, e estoi sonãndo?)
Semente de Rei Fernando
Hazer un fuerte despejo,
Y seguir con gran desejo,
Y dexar acá su viña,
Y dezir, esta casa es mia,
Eu que aora acá me vejo.

— Esta trova — proseguiu Diogo — bem claro falla da maneira porque Portugal cahiu nas mãos dos perros castelhanos; como me explicou um dia o padre capelão do meu terço, que é muito lido, e intende todas as prophecias: passou esse tempo e agora não tarda a chegar ahi á barra a armada real. Não viste aquelle terrivel cometa que appareceu no céu aqui ha um anno.

— A que El-Rei atirou um tiro de pistola, do eirado do paço? — atalhou rindo José Chanca.

— El-Rei bem sabia, que o cometa annunciava morte de rei, ou mudança de monarquia — proseguiu Diogo Cutilada, com gravidade — e queria-se-lhe atrever, como se os signaes do céu podessem ser apagados pelas mãos dos homens. Aquelle cometa era precursor de grandes calamidades, desses males que estamos sentindo. Estamos para vêr grandes coisas, compadre, e Deus nos dê vida para assistirmos á formação do famoso imperio.

Vêo como por visiones,
Cosas tanto de notar
Que haran temer, y temblar
Los mas fuertes coraçones.

— O cometa, diziam, que era castigo do céu pelo que El-Rei fez na vespera de sexta feira dos Passos da Graça. Tu não estavas em Lisboa n'esse tempo — continuou o çapateiro; — mas eu, que tudo vi, posso-te dizer que aquillo foi um dia de juiso. El-Rei, á noite, foi com os seus valentes ao largo de S. Roque, para fazer uma briga; mandou dar umas bofetadas n'um homem que levava duas damas pelo braço, e travou-se o combate: tudo eram espadas e sangue; o Passo da Paixão veio a terra com os empurrões do povo, quebraram-se as imagens dos santos...

— Fallou-se muito disso no exercito. Mas aquelle cometa é, como me disse o capellão do meu terço, o signal que, segundo as prophecias, annuncia a chegada do Encoberto. Antes da jornada de Africa tambem appareceu um pavoroso cometa; e em Penamacor se viram exercitos combatendo nos ares. Estes prodigios do céu — Nosso Senhor nos livre de todo o mal — estes prodigios são, accredita no que te digo, José, são annuncios de grandes males, que hão de ser seguidos depois, é verdade, de grandes bens para este reino. Primeiro o castigo:

Por ser dexaran de ser
Sy mentiroso no salgo.
Ay de los que valen algo,
Que tan poco ande valer!

Nestes castigos do céu, — continuou — até os bons padecem. Meu pobre amo lá está, lá o deixaram quasi a expirar...

— Tens rasão, Cutilada! — exclamou o çapateiro. — Lá isso é verdade:

... el castigo
Perdida la rienda, y freno
Tambien atropella el bueno
Por culpa del enemigo.

— Neste momento Diogo Cutilada, em vez de escutar as judiciosas considerações do seu compadre José Chanca, sahiu da loja correndo e atravessou a estreita rua dos Escudeiros para ir ao encontro de uma mulher, toda vestida de negro, e com o rosto quasi escondido n'um grande bioco, a qual se encaminhava para o Rocio, seguida de um almocreve carregado de um bahú redondo e uns alforges de coiro.

— Sr.ª D. Thereza, D. Therezinha! — bradou o soldado ao saír da porta.

Ao ouvir a voz de Cutilada, a mulher parou sobresaltada, e voltou repentinamente a cabeça. Era uma rapariga de pouco mais de vinte annos, sobre o moreno, com olhos de azeviche, e dentes alvissimos: as feições eram perfeitamente regulares, e só os labios levemente espessos, pareciam perturbar a harmonia daquelle rosto formoso, dando-lhe com tudo um tal caracter de doçura e bondade, que antes se podia tomar por encanto do que por defeito, tão leve desproporção.

— Diogo! — exclamou Thereza: — tu aqui! que prazer... — Vendo porém a tristeza que enluctava o rosto de Diogo, calou-se: e a alegria, que um instante a animára, desappareceu. Aquelles olhos bellos, mas encovados, e cercados de um circulo azulado, cobriram-se de

lagrimas, que logo se desprenderam em fio.

— Que desgraça, que grande desgraça, minha rica senhora! — exclamou Diogo, juntando as mãos.

— É verdade, Diogo: ai! é uma terrivel verdade! Meu pobre pae, já lá váe. Morreu...

— Morreu!

— Morreu. Ha oito dias que morreu; e eu venho — já não podia estar em Evora — venho para casa de minha tia... e para ao pé do Sr. Francisco d'Albuquerque.

— Oh! Sr.ª D. Thereza, é dessa desgraça, que lhe eu fallava...

— Que desgraça? O que é? Responde! — E Thereza tornou-se pallida, como um cadaver.

— O sr. capitão está muito mal.

— Que tem? Onde está?

— Está ferido.

— Jezus! Que foi? Como foi isso?

— Foi atacado a noite passada por uns assassinos...

— Está em perigo.

— Ainda se não sabe se escapará.

— Vamos; leva-me onde elle está, que o quero vêr.

— Está no palacio do Sr. Infante.

— Não importa. Tu bem sabes que sou a sua noiva, sua irmã. Nossa Senhora me accuda, se elle me morresse, ficava só no mundo!

Perdido o alento, pallida, n'uma convulsão, Thereza teria caído, sem sentidos, se Diogo a não sustivesse nos braços.

— Que tem, minha rica menina? disse o soldado — Que tem? Sente-se incommodada... Está doente?

— Não é nada — respondeu a desditosa orphã, com voz quasi inintelligivel. — Senta-me aqui na pedra deste degrau, e dá-me... quero beber agua, para não desmaiar.

Diogo depois de ter sentado Thereza, no degrau de uma porta, correu a caza do çapateiro José Chanca, donde trouxe um pucaro com agua.

— Borrifa-lhe a cara — dizia o çapateiro; — É muito bom para os desmaios. Quantas vezes uzei de borrifos para fazer tornar em si a minha mulher. — Deus a tenha em gloria. — É agua muito fresca do chafariz da rua Nova, minha senhora; e o pucaro é novinho, ainda não tem um anno...

— Beba, minha senhora — disse o soldado chegando o pucaro á bocca de Thereza. — Beba; que lhe ha de fazer bem.

De feito, depois de ter bebido alguns gólles de agua, Thereza achou-se um pouco melhor; e pediu de novo a Diogo Cutilada, que a acompanhasse ao Corte-Real.

— Vamos, Senhora D. Thereza — respondeu Diogo; — vamos lá. Aqui tem o meu braço, para se encostar. É perto, muito pertinho daqui. Eu tambem estou com cuidado no meu pobre amo; quando eu saí, ficava elle dormindo; mas somno de febre pouco dura.

— A misericordia de Deus seja com elle — murmurou Thereza, chorando.

JOÃO DE ANDRADE CORVO.

(Continúa.)

MEMORIAS D'UM DOIDO.

CAPITULO XIX.

Paginas intimas.

473 A quem devo eu accusar dos meus infortunios? Não, a ti, anjo do céu, que me appareceste na vida, como um desses meteoros brilhantes, que nos deslumbram de luz, para depois se sumirem nas solidões infinitas do espaço!

Amavas, eras amada, podia eu por acaso levantar-me entre ambos, e separal-os no egoismo do meu amor?

E que podia eu fazer por ti? Estes olhos não te podiam olhar, com toda a innocencia do affecto, que já haviam devorado lagrimas crueis, que já se haviam accendido em dezejos culpados! Estes labios já se não podiam pousar nos teus como irmãos, que já estavam crestados de caricias malditas, e de beijos infames! Estas faces, devoradas e perdidas pelo vicio, não podiam unir-se ás tuas, frescas, vermelhas de pudor, e de candura. Oh! não! amaldiçoada a bocca, devorada pelos ardores da febre, que vae murchar a pobre flôr, com o halito envenenado.

E para que confiou Deus ao meu coração este amor insaciavel, e esta affeição profunda? Para que me appareceste, mulher, para que viste, flôr, embriagar-me com o teu perfume? Seria elle mais digno do que eu, da felicidade? Amar-te-ha como eu te podia amar, a tua imagem passará na sua alma como um sonho fugitivo, ou como um culto bemdito e eterno?

Embora! se eu podesse viver, teria um pra-

zer infinito, em te vêr cair uma por uma, as rosas da tua fronte, as aspirações da tua alma! Quisera lêr nos teus olhos, o aborrecimento da vida, esta arida e desoladora tristeza da existencia, esta saudade infinita de um passado, que já não é dado realisar, esta esperança esteril, e mal distincta de um futuro de que já se duvida! Queria olhar as rugas do teu rosto, não as que o tempo cava, na sua marcha lenta e insensivel, mas as que nascem n'uma noite de agonia, n'um impulso de ciume, n'uma decepção da alma, n'uma catastrophe inesperada do mundo!

Soffre, soffre como eu soffri, que eu anhelo tambem a egualdade sinistra do infortunio. Vê, anjo, que já não pódes olhar as estrellas do céu, senão com os olhos orvalhados de lagrimas: vê a tua imagem, no espelho, pallida e triste, e diz-me depois se a felicidade, e o amor são eternos, se não tens tambem de acceitar submissa a ironia atroz do destino humano.

E talvez não! Bemaventuradas as existencias inertes, que passam na vida, como n'uma valsa alegre e descuidosa! Pensar, vêr, sentir, o que val isso para ellas? Gosam viva e activamente: adormecem nos braços do praser, e não accordam na saciedade, porque lhes não vive n'alma o infinito do dezejo:

Serás tu assim, Magdalena? Sentirás o prazer, frivola, descuidosa, sem que o coração te palpite, senão nas phreneticas emoções de uma voluptuosidade ardente?

Limparias as lagrimas com os cabellos desalinhados pelas fadigas de uma noite perdida nos delirios da paixão, e apagarias tambem com elles essas affeições sanctas que nos consolam das miserias da vida?

Ó flôr, que eu te não podesse aspirar o perfume, e reverdecer-te com as minhas lagrimas, e aviventar-te as petalas languidas e pendidas pelas calmas do estio, com os meus beijos delirantes,... mas vêr-te profanada pela respiração do mundo, mas vêr-te cubiçada pelos olhos avidos das turbas insolentes, mas contemplar-te unida ao peito d'outro, que te abandone depois, aos ventos da tempestade, oh! é uma idéa que me desvaira a cabeça, que me gela o coração.

Nessas noites de angustia, em que a febre do amor, e da desesperação, me escalda a cabeça, e me tortura os sentidos — nesses longos pesadellos, em que, suspenso entre a morte e a vida, entre a vigilia e o somno, eu a vejo apparecer a meus olhos como uma apparição encantada, nessas medonhas estações da paixão, em que só se vive pela dôr, em que só se communga com a existencia nos horriveis transidos da solidão moral, eu quasi que chego a descrêr de Deus, da religião, e da humanidade!....

.....

Atomo insensivel, lançado pela ironia do acaso no vasto Oceano da creação, para que me daria o supremo arbitro de tão altos destinos, tamanho arrojo para comprehender a felicidade, desejos tão insaciaveis de gosos divinos, e sempre o soffrimento, e sempre as agonias da decepção no fundo dos mais arrebatados delirios da minha naturesa moral?

Pois a vida é soffrer? E para que nos coroou Deus o pensamento de tão elevadas aspirações, para que nos povoou o peito de tão profundos affectos, de uma ancia tão fervida de amar, e de sentir?

E vel-a — a mulher dos meus sonhos — e sentir o perfume dos seus cabellos, e escutar o estremecer dos seus passos, e roçar levemente as magicas prégas do seu vestido, e ás vezes, vêr o seu olhar pousar nos meus olhos, e ouvir a sua voz meiga e suave acordar-me todas as vozes do coração, e não poder dizer-lhe: Sou teu! sê minha! »

E que importa? Se á noite tudo morre, para renascer no dia seguinte aos raios do sol, se a peste é um flagello, que devasta as populações, para as poder alimentar melhor, se as revoluções ensanguentam as sociedades, para as renovar ao sopro de novas idéas — se do pó das gerações decahidas, nasce a espiga que ha de sustentar as gerações futuras — se a vida nasce da morte, se a morte provém da vida — que importa que a alma se devore a si mesma, e se abrigue solitaria á sombra do seu desejo?

Que importa que a lyra do poeta se faça em pedaços, sem sons para entoar os cantos da sua dôr, que o pensamento humano se balouce agitado entre systemas contrarios, como o navio entre as vagas de diversos ventos, se nem os gemidos, nem os cantos, nem a oração, nem a blasphemia, nem a crença, nem a duvida,

suspendem o homem sobre o abysmo do seu destino?

Terá o homem de exclamar como o Satanás de Milton: — «Mal, sê o meu bem — Fatalidade sê a minha providencia!»

Quando o mar adormece no seu leito, quando as estrellas rasgam em fitas de pallida luz as trevas da noite, quando a natureza parece repousar do seu movimento, e esconder os seus mysterios aos olhos da creação, quando é só a brisa que geme, a vaga que murmura, as folhas que estremecem, e que o somno abriga no mesmo regaço o rico e o pobre, o humilde e o poderoso — é que eu sinto, que o castigo destas ambições vastas, que queriam devorar a existencia no fervor de commoções grandiosas, é a solidão e a dôr!

Padecer sosinho, atado ao Caucaso da vida — sentir as entranhas devoradas pelo abutre, ouvir o ranger das suas garras, afiadas no rochedo, e fitar o céu, sem que o fogo do olhar estremeça nas palpebras, e estorcer-se o homem nos transidos da dôr, sem amaldiçoar a vida, sem renegar do seu proprio desejo — eis o triumpho do espirito, orgulho do Titan, que tentou roubar ao céu a chamma divina!

LOPES DE MENDONÇA.

(Continúa.)

NOTICIAS E COMMERCIO.

NOTICIAS DE DIVERSOS CULTOS.

474 Os israelitas de Paris dividem-se em rito portuguez e rito alemão: o consistorio estabelecido nessa capital (diz a *Semaine* de 5 do corrente) acaba de nomear uma commissão mixta encarregada de investigar e propor os meios de conseguir-se a fusão dos ritos portuguez e alemão em um só; entram nesta commissão o rabbino mór do consistorio central, e o rabbino mór de Paris.

Celebrou-se em Londres a segunda reunião dos ministros e altos dignatarios da egreja anglicana, e nella se adoptou, entre outras deliberações, um projecto de mensagem á rainha Victoria pedindo a convocação immediata de um synodo geral que seja exclusivamente incumbido de decidir os pontos de doutrina e de controversia dogmatica, em nome da egreja reformada de Inglaterra.

Oito ecclesiasticos anglicanos de Newcastle conceberam o plano de fundar uma municipalidade-modelo de que fossem absolutamente banidas as bebidas espirituosas: para o pôr em execução careciam de 5.000 libras esterlinas; abriram portanto uma subscripção, que já tinha produzido só em Newcastle tres mil libras.

UMA NOVA ESTREA.

475 Assistimos á primeira representação da comedia em 3 actos do Sr. Palmeirim — *Dois casamentos de conveniencia*. Havia duas estrêas, a de um novo auctor dramatico, e a de uma nova actriz. Não é do juiso critico da obra do Sr. Palmeirim, que mal caberia nos estreitos limites deste artigo, se para tal nos houvessemos por competentes, que desejamos entreter os leitores da REVISTA. São outros os loiros de que vamos occupar-nos. Fallamos da estrêa, ou *debute*, como diz a linguagem official dos theatros, da Sr.ª Gertrudes da Silva. A comedia e o auctor conheciamol-os já; a actriz surprehendeu-nos agradavelmente.

E não admira que assim nos acontecesse, tão desacostumados estamos de vêr coisa que valha, ou que dê esperanças nas pranchas mal aventuradas da scena portugueza. O theatro de D. Maria II tem sido, mais que nenhum outro, safaro na producção destes engenhos artisticos, sem os quaes morrerão sempre ignoradas as obras dramaticas dos bons auctores, e que só podem dar pensamento e vida aos personagens que elles crearam. Os actores que hoje compõem a companhia do Theatro de D. Maria II, eram todos conhecidos do publico, antes da creação daquelle estabelecimento. A primitiva companhia tem mesmo soffrido desfalques, que ainda não foram preenchidos. Escusado será lembrar aos amadores da scena portugueza os nomes do Sr. Sargedas e da Sr.ª Emilia.

Finalmente appareceu em boa hora uma discipula do Sr. Epifanio. O papel de Condeça que desempenhou a *debutante*, não é daquelles que podem revelar todo o merito de uma artista. Á excepção de um ou outro traço mais forte e espirituoso, é um papel inferior, nas cores e no desenho, como individualidade bem caracterisada ou como creação artistica, aos papeis que desempenharam os Srs. Theodorico e Roza, a Sr.ª Soler, e talvez mesmo as Sr.ªs Delphina e Barbara. Porém no seu desempenho revelou-se claramente o merito da artista. A naturalidade no actor é como a verdade na arte, uma condição indispensavel; e essa tem-na a Sr.ª Gertrudes. Tem mais do que isso, um ar grave nas suas maneiras, uma certa dignidade sem acanhamento, de que tanto carece a maior parte dos nossos artistas, e que os impossibilita de representar os papeis da alta sociedade. Póde conservar-se esta gravidade e delicadesa mesmo na desenvoltura. E disto se deveriam convencer os nossos actores, que não sabem ser desenvoltos com delicadesa, nem conservar maneiras elegantes nos papeis levianos da comedia moderna, que figuram personagens da boa sociedade.

Estes defeitos, hoje quasi geraes, das actrizes portuguezas têem principalmente duas causas; a imitação dos defeitos da Sr.ª Emilia e o máu gosto da maioria

das nossas platéas. Quasi todas as actrizes imitam as exagerações e os defeitos da Sr.ª Emilia, sem saberem imitar a delicadesa, a naturalidade, a distincção de maneiras, a flexibilidade de gesto e da intonação que caracterisam aquella distinctissima artista. O publico pela maior parte pouco lido, e ignorante das exigencias da arte moderna de declamação, pela falta de bons modelos em todos os generos, affaga e excita esta exageração ridicula, que transforma o sentimento dramatico no máu gosto da lacrimosa declamação da velha tragedia, e a graça e ligeiresa da comedia moderna na pesada caricatura da antiga farça.

A Sr.ª Gertrudes appresenta-se sem estes defeitos. Fazemos votos para que os não adquira. Não se deixe levar pelos applausos ephemeros que estas exagerações caricatas e arremedos de baixa comedia podem arrancar ao mau gosto de uma grande parte do nosso publico, sempre disposto ao encomio. Os louros que não murcham, são os que tributa um publico escolhido, que não é prodigo nem numeroso, mas que applaude conscienciosamente. E o que é bom e verdadeiro na arte vem a colher finalmente os applausos da multidão ainda a menos entendida; porque para esta ha o instincto; porque aquelles que applaudem o inferior e o mediocre, fazem-no pelo descostume do bom e do sublime.

A Sr.ª Gertrudes mostrou todas os requesitos essenciaes, que uma boa atriz póde dar a conhecer no desempenho de um papel mediocre como o da Condeça nos *Dois Casamentos de Conveniencia*. Facilidade de maneiras, naturalidade de expressão, gravidade no porte, gestos appropriados ás situações, e metal de voz agradavel, não são qualidades que se encontrem muitas vezes reunidas, e por isso nos fazem conceber as mais lisongeiras esperanças da nova artista.

Apparece no meio de tudo isto um ligeiro acanhamento, bem natural a quem pisa pela primeira vez as pranchas difficeis e escorregadias do palco scenico. Porém quasi que não nos atrevemos a indicar esta imperfeição ligeirissima, com medo que se não converta no vicio opposto.

Concluimos de tudo isto que a Sr.ª Gertrudes tem as mais felizes disposições para o theatro. Que se a approveitarem será uma boa actriz, n'um genero e com qualidades, de que muito carece o nosso theatro.

Esperamos vel-a n'outros papeis, em que melhor possa desenvolver as suas propensões para a comedia, e mostrar que para o desempenho de outros papeis lhe não fallecem os dotes necessarios.

A. DE SERPA.

PRAÇA DE LISBOA.

Em 1 de Maio.

476 Subsistem os mesmos preços do nosso numero anterior.

477 Cereaes em 30 de Abril.

Trigo do reino rijo . . .	de 300 a 400	réis	a bordo.
» » molle .	de 330 a 410	»	»
» da ilha.	de 320 a 340	»	»
Milho do reino.	de 210 a 230	»	»
» da ilha.	de 200 a 205	»	»
Cevada do reino.	de 180 a 190	»	»
» da ilha	de 160 a 170	»	»
Centeio do reino	de 200 a 210	»	»

Estado do mercado, em 1 de maio.

Algodão de Pernambuco 120 a 125 rs. — Dito do Maranhão 115 a 120 rs. — Dito da Bahia 110 a 115 rs. — Poucas vendas, e somente para o consumo.

Assucar de Pernambuco B. novo 1$500 a 1$560 rs., dito velho 1$350 a 1$450 rs., — Do Rio dito ha falta. — Da Bahia dito 1$350 a 1$500 rs. — Das Alagôas dito 1$250 a 1$300 rs. — Do Pará, bruto 950 a 1$050 rs. — Mascavado novo 1$150 a 1$200 rs., dito velho 950 a 1$050 rs. — As vendas limitam-se para o consumo, e os preços conservam-se firmes.

Cacáu 1$700 a 1$750 rs. — Houve pequenas vendas.

Caffé do Rio. — Não ha.

Cêra de Angola B. 268 a 270 rs. — Dita A. 258 a 260 rs. — Effectuaram-se algumas vendas para embarque.

Marfim de lei 1$100 a 1$250 rs. — Dito meão 850 a 900 rs. — Dito escravelho 550 a 750 rs. — Realisaram-se algumas vendas para reexportar.

Urzella 6$400 a 6$500 rs. — Tem-se effectuado pequenas vendas para embarque.

BIBLIOGRAPHIA.

GUIA E MANUAL DO AGRICULTOR, OU ELEMENTOS DE AGRICULTURA, pelo *Dr. José Maria Grande*, Lente de Botanica e Agricultura na Eschola Polytechnica, e membro de varias Sociedades litterarias e scientificas tanto nacionaes como estrangeiras.

478 De todas as instituições, levantadas a bem da gloria nacional, e creadas por um dos maiores genios desta terra, nenhuma tem florescido e fructificado mais, que a da Eschola Polytechnica. Com mingoados recursos, desfavorecida, e muitas vezes contrariada em suas mais nobres inspirações, errante de caza em caza, sem um asylo decente para as suas bellas collecções, para os seus livros e instrumentos, sem um amphytheatro decoroso e capaz, para as licções dos professores, sem nenhum daquelles estimulos que provocam as grandes coisas, e incitam ás grandes emprezas, a Eschola Polytechnica soube elevar-se, em poucos annos de existencia, á fastigiosa altura dos mais afamados estabelecimentos estrangeiros de instrucção. Deu origem a este bello instituto, n'um momento de gravissimas reformas, e de apertadas complicações, o mais puro e acrisolado amor de patria, e a mesma dedicação, e egual enthusiasmo o conservam de pé, apesar dos tempos e da inveja.

Nunca, em tempo algum, se viu estabelecimento scientifico assim posto em tão contrariadas circumstancias, em apuro de maiores necessidades, nem pertinacia maior, com tanta sciencia, vencer e desbaratar ciumentas repugnancias, e decididos embaraços,

Arrostar com a perniciosa contagião destes maus tempos, quebrar odiosas invejas e malevolos intuitos, é certamente acção digna de louvor, facto que recommenda respeito e veneração: mas illustrar-se e engrandecer, crear nome e celebridade, com tudo e apesar de tudo, é honra invejavel, gloria que nobilita. A Eschola Polytechnica pode reclamar para si esse illustre e excellente brazão.

Tambem, com franqueza o declaramos, e sem de modo algum irrogar censura impropria, nenhum dos estabelecimentos, em que se dispensa a instrucção publica, brilha e resplandece por ventura mais pelas capacidades eminentes das pessoas do instituto. É o prestigio dessa Eschola, o fundamento da sua reputação na estima do paiz. Quer das sciencias, quer das lettras estamos acostumados a ver naquella instituição os mais conspicuos e illustrados cultores. Na antecedente REVISTA fallámos do Sr. Latino Coelho, que além de ser um distincto professor de mineralogia, em verdes annos, póde já grangear e occupar uma elevada posição entre os excellentes prosadores desta terra. Todas as semanas o leitor admira de certo, neste jornal, as faculdades prodigiosas de outro professor (de Botanica), que actualmente n'um romance patrio, nos revella a sua profunda e esclarecida erudição historica. Quem não conhece as poesias de Antonio de Serpa, esse mimoso e delicado engenho, o cantor dos Gracchos, o poeta das Orientaes? pois sabei que accumula, com distincção, o cargo de professor de Mathematica. (*)

Quem ignora o nome de José Estevão Coelho de Magalhães, o illustre publicista, e professor de economia politica?...

Em mathematicas puras, na mechanica racional, quem mais sabido do que o actual professor desta sciencia o Sr. Albino de Figueiredo? — A historia da instrucção nestes reinos dever-lhe-ha uma pagina brilhante, a par de outra tão gloriosa e mais ignorada de arriscado amor pelas liberdades publicas.

Não fallámos nós, ainda ha pouco, do livro de chimica do Sr. Julio Pimentel?... Mas para que é multiplicar exemplos? Não será a nossa debil voz que ha de recommendar essa eschóla; illustram-na já, e recommendam-na sufficientemente os seus numerosos discipulos, espalhados por todo o reino, cuja instrucção e amor pela sciencia é o maior elogio que se póde fazer aos professores com quem aprenderam.

Ahi está porque não podemos accreditar nas vãs declamações dos que julgam a sciencia infructifera nesta terra, porque nos erguemos sempre contra os que suppõem este clima improprio e contrario á sua perfeita cultura. As causas da nossa decadencia a este respeito não estão nem na menor paixão pelo estudo, nem na inferior qualidade dos engenhos; procedem dessa indifferença geral, dessa desanimação, que é incontestavelmente o maior cancro das republicas. Se as alterações politicas, que tem ferido este reino, desculpam até certo ponto os governos de insolitas arbitrariedades, não os absolvem da ignominiosa inacção, em que tem deixado os interesses do paiz. Cumpria-lhes electrisar este povo já descrido, incutir-lhe nos animos a fé viva dos melhoramentoz; maravilhal-o com as reformas graduaes e desejadas; promover todas as utilidades a par de todos os consumos, moralisal-o, pulil-o, civilisal-o em fim, erguel-o da ignorancia á consciencia dos seus deveres — cumpria-lhes, e não o fizeram.....

Tivemos um commercio florescente com todo o mundo; e agora elle ahi jaz exhausto e consumido; no interior, limitado á uzura e á agiotagem; no exterior, á parcimonia de algumas trocas sem importancia. A industria, contentavam-se com embalal-a no berço, envolvida nas fachas do regime protector. Da agricultura nem cuidam, como se não fôra a mais copiosa fonte da prosperidade nacional.

É o que resulta da leitura de cada uma das paginas do excellente livro, que annunciamos na frente deste artigo; conclusão magoada, que nos suggeriu as precedentes reflexões, e mais nos impõe a obrigação de recommendarmos uma obra cuja utilidade manifesta se depreende do simples titulo.

O Sr. José Maria Grande professa, na Eschóla Polytechnica, Botanica e Agricultura; e já por obrigação, quando não fosse por genio, e circumstancias peculiares, mais que ninguem conhece o atraso da nossa industria rural, e os remedios urgentes que ella reclama. O *Guia do Cultivador* é o fructo das suas reflexões, do seu aturado estudo na materia. Não se limita á rudimental indicação dos elementos da sciencia, á propagação theorica dos principios, que devem reger uma aproveitada cultura — considera especial cada um dos problemas da nossa situação agricola, discute-os com lucidez, e propõe-lhe a melhor e mais efficaz solução. Como homem de sciencia, como tendo occupado importantes cargos na republica, o illustre professor conhece largamente as necessidades do paiz; e lamenta que se lhes não haja accudido com prompta e decidida vontade.

« A agricultura está ha seculos abandonada a si mesma; e vive em Portugal (salvas algumas excepções felizes devidas a esforços individuaes) das antigas rotinas, no meio dos prejuisos e da ignorancia. » Ahi está como se exprime o Sr. José Maria Grande no prologo da obra a que nos referimos. Terrivel verdade, cujas consequencias suportamos todos quantos temos a desgraça de viver nesta épocha memoravel de estupida negligencia.

Em todos os tempos, e em todas as nações a cultura da terra sollicitou sempre o mais fervoroso empenho dos governos, como a mina nunca exhausta da publica prosperidade. A marcha da civilisação anda graduada com os progressos da agricultura. Os antigos imperios, em quanto ella floresceu, foram grandes, fortes e felizes; decahida ella, abandonada e esquecida por outros interesses e por outras preocupações, baqueram tambem e desfizeram-se em ruinas. Quando o imperio romano parecia assentado na solidez de sua maior fortuna, já Columella dizia assim aos seus contemporaneos: — « Tendes eschólas de philosophia, de rhetorica, de musica e geometria, habeis mestres de cosinha, e perfeitos cabelleireiros: só não tendes uma pessoa que vos ensine a agricultura. Houve tempo em que o genero humano era feliz sem tudo isso, mas sem agricultura, tende-o por certo, que não podereis subsistir. Quereis viver das armas, que

(*) José Anastacio da Cunha, insigne geometra, tambem sacrificou ás musas.

só vos procuram uma subsistencia manchada em sangue? Do commercio que vos arranca á patria, vos atira á tormenta das ondas, e vos leva a regiões incognitas! da usura cujos lucros são enormes sem duvida, mas até condemnados pelos proprios que della se sustentam? Ah! não cuideis que a terra produsa menos, que se cance, que envelheça; se assim vos parece, queixae-vos apenas da vossa extremada incuria. »

Estas vozes do sabio agricultor romano tambom não foram ouvidas; o governo tinha mais que fazer, estava adorando as chagas do mais corrupto dos imperadores. Assim a agricultura, confiada ao trabalho dos escravos, já não podia sustentar o povo, era precíso que a sagrada frota lhe trouxesse do Egypto regularmente a subsistencia.

Já lá vão desoito seculos, e não sei se as palavras de Columella, se aquella pungente apostrofe não deve fazer cahir-nos as faces de vergonha. Ao menos o Senado de Roma, n'um momento de reflexão, ainda mandou traduzir em vulgar a obra de agricultura do carthaginez Magon; e nós, nem uma Eschola só, temos em todo o Reino em que especialmente se ensine o que mais nos seria proveitoso. Gymnasios de sophistas, congressos de rhetoricos, theatros de declamação, e de canto, conservatorios de musica, cosinheiros, e cabelleireiros não faltam, como nos tempos em que vivia Columella; mas de ensino agricola, de quintas modellos, de comicios, de credito rural, de premios, de animação, de estimulo, os governos tem mais que fazer do que cuidar de tão insignificantes coisas.

Para se ver o estado deploravel da nossa agricultura basta (alem de outras considerações derramadas por toda a obra) ler attentamente o bellissimo capitulo quarto do Manual. Ahi o habil professor, n'um estylo que não desdiz das suas elevadas reflexões, demonstra como os differentes estados, por que tem passado as sociedades humanas andam sempre a par do estado da agricultura, correspondam perfeitamente aos seus successivos progressos. Nos primeiros tempos, na épocha dos povos pastores, a cultura era quasi nulla — o homem tirava toda a sua subsistencia do gado que apascentava. A influencia deste modo de viver foi tão grande, que ainda hoje se encontram vestigios delle; o direito consuetudinario do compascuo, diz o Sr. José Maria Grande, os baldios, certas servidões, são os restos deploraveis daquellas épochas de barbaridade.

Ao systema pastoril seguiu-se o dos pousios, ou do descanço das terras, que marca a segunda épocha na historia da agricultura. Os povos congregados em nacionalidades constituem definitivamente o senhorio da propriedade sobre o incontestavel direito do trabalho. Este systema imperfeito e deficiente, é o que ainda em geral é seguido entre nós!! A excepção da provincia do Minho e de alguns pontos da Beira e Extremadura, prevalece n'algumas partes das nossas provincias do sul, e principalmente no Alemtejo. Aqui a grande extensão das propriedades (*) a escacez da povoação, e a geral superabundancia e aridez dos terrenos o tem tornado commum. Mas nesta mesma provincia ha bastantes concelhos donde ha muito devera ter sido desterrado o systema dos pousios, por isso que as terras araveis já não podem satisfazer as exigencias do consumo.

Depois disto, depois destas tristes e severas palavras é escusado dizer mais; a verdade salta aos olhos nesse periodo eloquente. Apenas algumas provincias conhecem o systema dos afolhamentos, o resto jaz ainda na rotina cega do pousio irracional. Quando o livro do Sr. José Maria Grande não tivesse feito senão sanccionar com a auctoridade das suas palavras as apprehensões que lavram no espirito dos que tem estudado esta questão, já fôra um grande serviço feito em beneficio da agricultura. Não basta ensinar no magisterio, e douctrinar nos livros: é mister tambem predispor a opinião publica, inclinal-a para as urgentes reformas que os tempos reclamam. Quando o Governo vir que, não satisfazendo os interesses sociaes, as exigencias do geral consenso, está prestes a perder da mão o leme do estado, elle se apressará em tomar a iniciativa, e assumirá finalmente a responsabilidade de fazer o bem. É um privilegio que de boa mente lhe deixamos.

O livro do Sr. José Maria Grande é ainda appreciavel (além do merito intrinseco) pelo lado da facil linguagem, corrente, natural, accessivel a todas os intendimentos. N'um livro da natureza do Manual de Agricultura era de rigor semilhante condição. Quando nas cidades a ignorancia é tão vulgar, nos campos é por assim dizer commum. Era pois uma grave difficuldade com que tinha a luctar o illustre auctor do Manual. Precisava dizer as coisas em estylo chão, intelligivel e ameno, acconselhal-as com uncção e bonhomia, com a prudencia que deve caracterisar todo o cultivador. Conseguiu-o como quem se tem visto a braços com maiores emprezas de linguagem. Todos sabem que o Sr. José Maria Grande é um dos nossos mais brilhantes Oradores. Na tribuna portugueza foi sempre escutado com a attenção que costumamos prestar á sciencia da palavra. Na cadeira por sua frase fluente, limpida e clara como o cristal, é um dos professores mais queridos dos ouvintes.

Assim pois, tanto pelo lado da sciencia, que ninguem ousará contestar, como pelo do estylo apropriado e ameno, o Sr. José Maria Grande compoz um livro, digno do estudo e da meditação de todos os que se dedicam á cultura dos campos. A Sociedade Michaelense, convencida do merecimento e vantagens da obra que annunciamos condecorou, o auctor com uma medalha de oiro em premio do serviço feito ao paiz.

Possa este nosso artigo levar egual convicção ao espiritos daquelles, que ainda do Manual do Cultivador não tiverem conhecimento.

DR. THOMAZ DE CARVALHO.

(*) *Latifundia perdidere Italiam.* — Já Plinio o havia notado.

EXPEDIENTE.

Por obsequio ao nosso collaborador, o Sr. Dr. Thomaz de Carvalho, publicamos o seu artigo, ácerca do 2.° vol. da *Guia do Cultivador*, apesar de ainda não termos recebido esse volume, como é de uso na redacção dos jornaes.